

# Novas Empregabilidades

Madalena Gomes da Silva<sup>1</sup> & Cristina Argel de Melo<sup>2</sup>

Professora Coordenadora na Escola  
Superior de Saúde do Instituto  
Politécnico de Setúbal<sup>1</sup>  
[madalena.silva@ess.ips.pt](mailto:madalena.silva@ess.ips.pt)

Professora Coordenadora na Escola  
Superior de Saúde do Instituto  
Politécnico do Porto<sup>2</sup>

Os elevados índices de desemprego com que o país é confrontado não deixam imunes os fisioterapeutas. No entanto, por vezes pode não ser a ausência de trabalho, mas sim as condições extraordinariamente precárias em que tal trabalho surge.

De fato, o desemprego nas áreas ditas convencionais (hospitais, clínicas) tem colocado os fisioterapeutas em novos contextos e áreas de empregabilidade, menos exploradas até agora. Se por um lado sabemos que não somos um país com a riqueza que pensávamos ter, por outro lado, a evolução demográfica e epidemiológicas nas sociedades ocidentais, assim como os estilos de vida aí adoptados, faz com que haja cada vez mais pessoas que podem beneficiar da intervenção da fisioterapia.

A promoção de saúde, a saúde ocupacional, onde as lesões músculo esqueléticas relacionadas com o trabalho (LMERT) aumentam drasticamente; as condições crónicas como a diabetes, condições cardio-vasculares, a oncologia, entre outras, que sabemos beneficiam grandemente com maiores níveis de atividade física e participação em programas de exercício acompanhados; o acompanhamento de pessoas idosas com diferentes co-morbilidades conduzindo a mobilidade reduzida, entre outros problemas de enormes consequências sociais e económicas como as quedas; a saúde e bem-estar, um mercado cada vez mais procurado até em termos de turismo; são exemplos de áreas emergentes prontas a explorar.

Com a possibilidade que a Entidade Reguladora da Saúde deu aos Fisioterapeutas ao reconhecerem direito ao registo dos estabelecimentos de fisioterapeutas, inclusive, sem necessidade de direção técnica/clínica, de fisiatra ou outro qualquer médico poderá ser uma forma de combater o desemprego. Um pequeno espaço, com preços que possam competir com as taxas moderadoras obrigatórias, juntamente com a capacidade de inovar e com empreendedorismo podem ser uma forma de lutar contra o desemprego em Fisioterapia em Portugal.

Se até agora o sistema nacional de saúde custeava grande parte destes cuidados, agora temos que ser criativos na procura de outras fontes de financiamento. Algumas empresas, como por exemplo a auto-europa, começam a perceber que lhes é mais rentável investir na prevenção das LMERT, do que custear as suas consequências.

Muitos concursos de financiamento europeu abrem agora as suas portas a pequenas e médias empresas. O desenvolvimento de projetos e candidaturas a estes fundos poderá ser outra forma de responder às necessidades das pessoas. Simultaneamente abrem concursos na área do empreendedorismo e inovação (Associação Acreditar Portugal, Banco Espírito Santo, entre outros), que também se apresentam como alternativas.

Nos últimos tempos outra hipótese foi adoptada por cada vez mais jovens de forma a resolver o desemprego – a emigração. A emigração, nomeadamente para a França e Suíça é uma prática comum entre os recém licenciados em Fisioterapia. Estimamos que cerca de 20% dos Diplomados dos últimos anos das Escolas Superior de Tecnologia da Saúde do Porto e Superior de Saúde do IPS, tenham optado por esta via. Esta opção aparentemente oferece salários mais atrativos e também oportunidades de desenvolvimento apelativas aos jovens fisioterapeutas.

Esta situação leva-nos a refletir sobre um conjunto de questões:

Será que é possível pensarmos na fisioterapia de forma diferente da tradicional e encarar as novas áreas de intervenção como as de maior potencial empregabilidade?

Estarão todas as Escolas aptas para pensar na fisioterapia de forma diferente da tradicional?

Será que, não tendo o Estado forma de financiar cuidados de saúde, conseguimos encontrar alternativas ao financiamento individual (exclusivamente privado) dos cuidados de saúde?

Será que o investimento que é feito pelo estado, escolas, estudantes e famílias na formação dos fisioterapeutas é desperdiçado quando a alternativa mais viável que surge é a emigração? Seremos um país tão “rico” que podemos formar para responder às necessidades de outras populações que não a nossa?

# New Forms of Employability

Madalena Gomes da Silva<sup>1</sup> & Cristina Argel de Melo<sup>2</sup>

Professora Coordenadora na Escola  
Superior de Saúde do Instituto  
Politécnico de Setúbal<sup>1</sup>  
[madalena.silva@ess.ips.pt](mailto:madalena.silva@ess.ips.pt)

Professora Coordenadora na Escola  
Superior de Saúde do Instituto  
Politécnico do Porto<sup>2</sup>

The high unemployment rates registred in Portugal also affect physiotherapists. However, sometimes it maybe more to do with the conditions of possible jobs, than with the absence of jobs themselves.

In reality, the lack of jobs in traditional areas (hospital, clinics) has placed the physiotherapists in new contexts and areas of employment less explored until now. On one hand we are aware Portugal is not as wealthy as we believed it to be, but on the other hand, the demographic and epidemiologic evolution in the western world, as well as the lifestyles adopted in these societies, suggest that many people may benefit from the intervention of physiotherapy..

The areas of: occupational health where muscle skeletal dysfunctions related to work increase drastically; the management of chronic conditions like diabetes, cardio-vascular, oncological, amongst others, which are known to benefit greatly from physical activity and monitored exercise programmes; the older population with diverse co-morbidities leading to reduced mobility, amongst other problems with great socio-economic impact in this group, like falls; health and wellbeing, a new growing market, even within specialized health turism, are emergent areas waiting to be explored.

The new possibilities established by the Regulating Body, where physiotherapists are entitled to register their clinics without the need to have a medical clinical director, may be a way to reduce unemployment. A small space, with prices able to compete with the fixed fees for public health services, inspired by innovation and entrepreneurship, may be a way to create jobs and answer the populations needs in Portugal.

If, up until now the National Health System was paying most of the care provided, now we need to be creative in the search for new means and sources of financing. Some companies, for example "Auto-europa" have understood that it is cheaper to invest in prevention than paying the costs of absenteeism.

Many European applications include as possible applicants small/medium sized companies. The development of projects and application to these funds may become a form of financing care. In addition, some organizations and associations are also giving prizes in the area of entrepreneurship and innovation (Associação Acreditar Portugal, Banco Espírito Santo, amongst others) which can also be alternatives.

In the recent past, another alternative has been adopted by many young newly graduated physiotherapists – emigration. Emigration, namely to Switzerland and France are frequent destinations of young Portuguese physiotherapists. A rough estimate suggests that approximately 20% of the graduates of the past few years from the Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto e Superior de Saúde do IPS, have chosen this alternative. This option apparently offers more attractive salaries and also appealing opportunities for professional continuous development

This situation promotes our reflection about different issues:

Is it possible to view and think physiotherapy in a different (from the traditional) way, and look at the new areas as the main source of employment?

Are all schools able to think physiotherapy in this different way?

Can we find alternative ways for financing health care, which are not the State or the individual, paying exclusively privately for their care?

Is the investment made by the state, schools, students and respective families, in the education of physiotherapists wasted when the most viable option of employment is in another country? Are we such a "wealthy" country that can afford to educate health professionals to respond to the needs of populations other than the portuguese?